

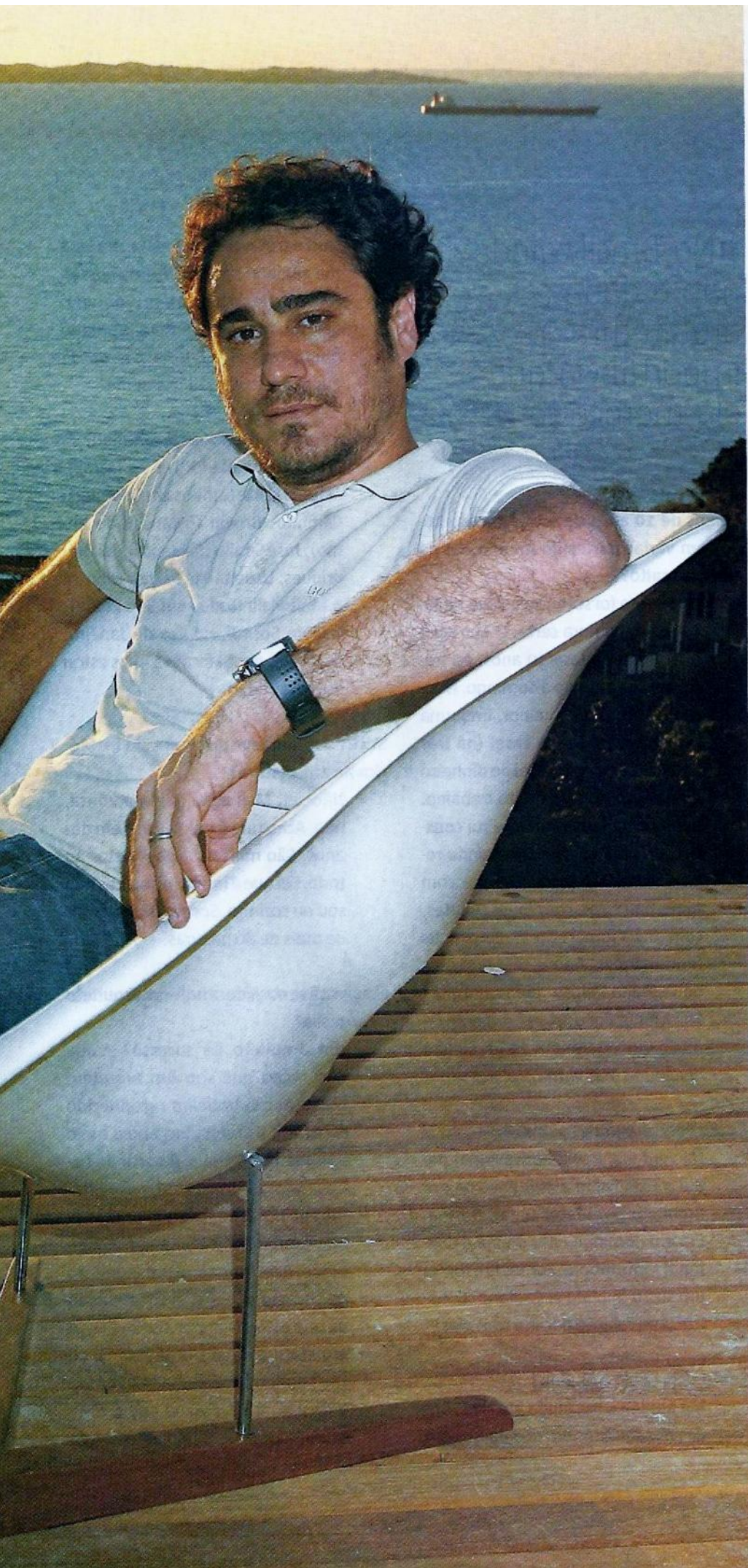
ABRE ASPAS

SIDNEY QUINTELA ARQUITETO

# «Sempre duvidei do SUCESSO»

Texto **RONALDO JACOBINA** [rjacobina@grupoatarde.com.br](mailto:rjacobina@grupoatarde.com.br)  
Fotos **REJANE CARNEIRO** [carneiro@grupoatarde.com.br](mailto:carneiro@grupoatarde.com.br)





De Feira de Santana para o mundo. Essa foi a trajetória do arquiteto Sidney Quintela, 34, até aqui. Com apenas 10 anos de formado, ele conseguiu imprimir sua marca em mais de 700 projetos espalhados por vários países de três diferentes continentes. No seu currículo, estão as casas projetadas para Caetano Veloso, Renata Sorrah, José Simão, Cláudia Leitte, Astrid Fontenele, dentre outras celebridades. Caçula de uma família de cinco irmãos, perdeu o pai aos quatro anos e foi criado pela mãe. Às vésperas de inaugurar a nova sede do seu escritório, na Ladeira da Barra, Sidney recebeu Muito na sua futura sala, com vista para a Baía de Todos os Santos, onde contou como conseguiu construir um modelo de gestão que o fez ganhar seu primeiro milhão de dólares há alguns anos. Estratégico, evitou rebater seus desafetos. Com um pouco de insistência, cedeu e falou sobre a sua relação com os colegas.

**Você diz que teve uma infância difícil. Como foi essa fase em Feira de Santana?**

Imagine um casal de contabilistas em 1977, ano em que meu pai morreu? Os clientes dele foram procurar outro escritório porque não confiavam em uma mulher naquela época. Foi uma vida dura. Era uma mulher sozinha na década de 70 com cinco filhos para criar. Foi uma barra. Mas ela nos deu educação, passou valores sólidos, e eu me orgulho muito de ter vivido isso tudo. Isso me fez lutar pra batalhar e fazer sempre o melhor. Minha primeira bicicleta, eu comprei com o dinheiro das linhas de pipa que eu "temperava com vidro e cola" e depois

vendia pra molecada da rua, que era num bairro muito humilde.

#### **E como foi a vinda para Salvador?**

Vim fazer o terceiro ano colegial e, depois, quando entrei na faculdade, acabou o mole. Via meus colegas saindo, indo para a praia, bares, e eu não tinha dinheiro. Então, fui dar aulas de física no colégio Luís Tarquínio (na Cidade Baixa), estagiava em uma obra e fazia extras, tipo um desenho que me pediam. Isso para fazer programas com a rapaziada. Eu ia para a faculdade a pé para economizar a grana que eu ganhava. Fazia uma refeição por dia. Isso me motivou a conquistar as coisas, e eu sempre fui bom de aprender. Dois anos antes de me formar em arquitetura, abri o meu primeiro escritório em parceria com Antônio Lídio Bulcão, que era meu colega de faculdade, e começamos a fazer alguns trabalhos.

#### **Esse escritório já rendia bons trabalhos?**

Sim. Nós nos formamos e continuamos a sociedade por um tempo. Depois, em 1999, nos separamos. Fizemos a primeira Casa Cor (Porto da Barra) juntos.

#### **Quem o influenciou na profissão?**

Admiro Oscar Niemeyer e Paulo Mendes da Rocha pelo conjunto da obra. Gosto muito dos projetos do arquiteto baiano Diógenes Rebouças (Fonte Nova, Oceania, Hotel da Bahia, Escola Politécnica, Faculdade de Arquitetura). Mas nenhum me influenciou diretamente. As cidades me influenciam mais do que as obras. E os clientes, é claro.

«No Brasil, ainda não é dada à arquitetura a importância que ela merece ter»

#### **Menos de 10 anos de estrada e escritórios em várias partes do mundo. Como deu esse salto?**

Não sei se foi sorte, se estava no lugar certo na hora certa. O que sei é que, nesses quase 10 anos, eu trabalhei de domingo a domingo. Nunca tirei férias. Ou melhor, tirei uma semana quando me casei (há três anos). E sempre duvidei do dinheiro ou do sucesso sem muito trabalho. Sempre trabalhei muito e fui construindo amigos. Fui construindo relacionamentos com todos, com meus parceiros, com meus clientes, com meus fornecedores, com meus funcionários... Agora, se fazer a casa de Caetano Veloso foi importante? Foi. Muito. Foi o primeiro cliente famoso que eu tive em 2000. Eu não divulguei, mas vazou.

#### **Como você chegou a Caetano?**

Na verdade, Paulinha (Lavigne) pediu a Licia Fabio a indicação de um arquiteto para fazer uma reforma. Era um domingo, eles (Paula e Caetano) iam embora. Fomos lá e tomei um susto quando vi Caetano. Construí uma relação bacana com eles.

#### **Então Licia Fábio o ajudou?**

Me ajudou e me ajuda até hoje. Todos os segundos em que passo com

Licia e trocamos uma idéia, ela está me ajudando porque é uma pessoa totalmente do bem e tem uma energia muito boa. Sempre aprendo muito com ela. É uma pessoa de quem gosto verdadeiramente.

#### **Que outros famosos você já atendeu?**

Astrid Fontenele (SP), Tuca (Jamil), Cláudia Leitte (ambos em Salvador), Carlinhos Brown (o Museu do Ritmo), José Simão (Salvador); Jair Rodrigues, Luciana Mello, Jair Oliveira e Tânia Kalil (todos em São Paulo); Renata Sorrah, no Rio de Janeiro. Tem mais gente famosa, mas estou esquecendo.

#### **Você acha que teve uma carreira meteórica na arquitetura?**

Não sei. Mas acho que meteórica, não. Acho que é muita coisa em dez anos. São mais de 700 projetos ao todo. Sei que é muita coisa, mas não sou eu sozinho. Somos uma equipe de mais de 80 pessoas.

#### **Mas, você se considera hoje um arquiteto de sucesso?**

Um arquiteto de sucesso? Ainda não. Acho que sou um arquiteto que tem o o trabalho reconhecido no Brasil. Estou há um ano e meio apenas fora do País. A partir de Lisboa. Agora estamos subindo. Estamos na Líbia, na Polônia, na Romênia. Também em Angola e Moçambique. Acho que serei um arquiteto de sucesso quando tiver convicção de que estou representando bem a arquitetura brasileira lá fora. Aí eu vou sentir o sucesso, sabe? Porque o sucesso é relativo. O que é o sucesso? É o que as pessoas acham de

**Não seria uma vaidade querer ser um reconhecido fora?**

Não. Eu sou arquiteto, o que eu gosto de fazer é projeto. Eu preciso fazer projetos bons. Tenho um estoque de projetos, de idéias. Eu viajo na maionese. Eu tenho um projeto de um prédio de 130 andares. Eu não tenho o terreno e nem ninguém vai construir uma torre desse tamanho no Brasil, pelo menos nos próximos 20 anos. Onde eu posso construir isso senão na China, na Malásia? Não sei. Nossa vida é muito curta, e eu preciso concretizar alguns projetos grandiosos.

**Alguns dos seus colegas dizem que você tem talento, mas que o segredo do seu sucesso é saber gerenciar seu negócio. Você tem tino para gestão?**

Eu sei quais são as minhas deficiências e as minhas virtudes. Como arquiteto, eu sei fazer projetos e tenho uma equipe que também sabe fazer projetos. Então, o que eu preciso para complementar isso? Preciso de uma empresa que me dê sustentação e suporte para que eu possa trabalhar. Então fui buscar isso. Não tenho medo nenhum de nada. Nem da morte. Tudo que faço hoje é planejado. Até sou pouco compreendido quando digo que a arquitetura dentro do meu escritório é poesia, da porta para fora é mercadoria (gargalhada). Quando eu entendi isso, fui buscar apoio, consultorias (administrativas e financeiras).

**Você se recorda de algum trabalho que tenha sido uma alavanca para consolidação da sua marca?**

Teve uma casa que fiz na Praia do Forte, que foi um marco. Dali, foi para Trancoso, Angra dos Reis... Isso alavancou a prospecção de casas. Um edifício – o Lumière – no Horto Florestal, ajudou nesse segmento imobiliário e, na área comercial, foi o Clube Lótus – que reinaugurou recentemente, novamente com um projeto meu – foi marcante na carreira da gente.

**Portugal foi por onde você começou a sua carreira internacional. Como você chegou até lá?**

Eu comecei atendendo alguns grupos estrangeiros aqui no Brasil. Pelo menos 15 grandes grupos internacionais são meus clientes aqui no Brasil. Então, essas empresas começaram a me solicitar também lá fora. Quando eu me instalei lá em Portugal, isso abriu caminho para mim no Leste Europeu e também para outros países. Eu fui pra lá para atender esses clientes.



## «Seguramente, a Cidade Baixa será o melhor lugar de Salvador nos próximos 10, 15 anos»

### **Você acha que fez por merecer?**

Acho que plantei muito, trabalhei muito e que, agora, começa a chegar esse retorno. Acho que não mereci, estou merecendo, se você pensar de uma forma mais espiritual na lei da causa e efeito. Acho que esse efeito teve uma causa, que foi batalhar muito com seriedade.

### **Essa sua ascensão acirra a inveja dos profissionais da sua área?**

Não sinto isso não, ao contrário. Tenho bons amigos dentro da arquitetura, especialmente aqui na Bahia. Mas não sei o que passa dentro da cabeça das outras pessoas.

### **Já deu para ficar rico ou, pelo menos, poder viver bem?**

Rico? Não, não. Confortavelmente, sim. Um amigo meu perguntou outro dia se eu já havia ganhado o meu primeiro milhão de dólares, e eu disse: já e já gastei todo. Ou seja, o que fiz até hoje eu investi todo dentro da minha empresa.

### **Você pensa e se preocupa com o futuro da nossa cidade? Como você encara o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU)?**

O PDDU foi feito com uma intenção positiva. Só que são homens legislando, alguns erros passam. Mas a gente precisa se desenvolver. As em-

presas com as quais eu trabalho têm essa preocupação com qualidade de vida. É bem verdade que o mercado imobiliário é feroz e implacável, mas as empresas têm que encontrar um caminho, dentro das leis, para desenvolver o trabalho e ter lucro.

### **Qual a sua posição sobre o PDDU?**

Acho que poderia ter contemplado outras áreas, como a Cidade Baixa, que é a parte da cidade mais bonita e está abandonada. Seguramente, este será o melhor lugar de Salvador nos próximos 10, 15 anos.

### **Quem você contrataria para fazer um projeto seu? E do interior da sua casa?**

Projeto: Ivan Smarcevski. Para fazer interior, eu contrataria (pensa) Isabel Gonçalves e Cristina Calumbay.

### **Você trabalhou com David Bastos?**

Não. Jamais.

### **E o que há de nebuloso nessa relação?**

Rapaz, eu vou ser muito sincero. Eu não sei. Eu li a entrevista. Fiquei muito surpreso com as declarações dele. Não sabia que ele fazia esse ou aquele juízo de mim. Eu respeito muito David Bastos. Respeito muito o trabalho dele. Acho que o trabalho dele teve e vai continuar tendo uma importância muito grande para o desenvolvimento da arquitetura e

da decoração da Bahia, quando ele mostrou um projeto de qualidade - que é o que ele faz, um trabalho de qualidade, muito bom - fora da Bahia. Ele teve e tem uma notoriedade na Bahia e fora do Estado. Eu acho muito bom o trabalho dele. Mas, sinceramente, eu fiquei surpreso com a entrevista dele na revista no que diz respeito a mim. Porém, eu acho que a gente tem que respeitar a opinião de todos.

### **Vocês têm uma relação de disputa, de competição, já que os dois tiveram uma grande projeção fora da Bahia? Vocês já foram amigos?**

Não. Nós éramos amigos; sempre tratei David muito bem. Nunca trabalhei com ele, nem nunca declarei isso, em tempo algum, nem que fui estagiário ou aprendiz dele, nunca, jamais. Até porque, quando conheci David, eu já tinha o meu escritório. Da minha parte, eu, Sidney, não o vejo como meu concorrente. Ao contrário. Nunca disputei cliente nenhum com ele; nada a ver. Apenas, quando li aquilo, assim como muitas pessoas que leram, fiquei perplexo. É uma revista do jornal A TARDE, que tem uma repercussão muito grande. Então, muitos amigos me ligaram para saber, sem entender, assim como eu não entendi, o que o tinha levado àquilo. Muitos jornalistas me ligaram, vários, querendo saber se eu iria rebater. Eu vou rebater o quê? Não tem o que rebater. Não compactuo com essa história, com esse comportamento. Não o vejo como concorrente. Não tenho uma disputa com ele, nem com ninguém. Não tenho mesmo. «

FOTOMONTAGEM ARQUIVO PESSOAL



A nova obra de Sidney Quintela, localizada na Avenida Garibaldi: o prédio Vitraux

«A arquitetura, dentro do meu escritório, é poesia; da porta para fora, é mercadoria»

**Você, ou que você acha? É sucesso ou é vaidade?**

**E o que acha? Já se considera o cara?**

Eu acho que o sucesso é quando você acha que está pronto. Não estou me achando.

**Você é vaidoso?**

Não, se fosse não estaria com essa barriga (gargalhada).

**Profissionalmente?**

Não, nada. Eu sou orgulhoso do que eu consegui construir até aqui. Eu

não sou vaidoso disso. Deixe eu te dizer uma coisa: existem pessoas vaidosas dentro do meu escritório e vou trabalhando para que elas se tornem mais humildes.

**Eles pegam carona no seu sucesso?**

Não, não estou falando disso, de jeito nenhum. Eu falo de vaidade nas pequenas coisas. Do tipo: isso aqui é melhor porque fui eu quem fez. Falo da falta de humildade de reconhecer quando alguém teve uma idéia melhor que a sua e de você reconhecer isso e aproveitar essa idéia.

**Na verdade, você consegue lidar com o ego dos outros. E com o seu?**

Sim, claro. A vaidade é humana. É um dos sete pecados capitais. Todos nós temos coisas boas e ruins. Agora a gente tem que se trabalhar internamente sempre para se tornar uma pessoa melhor. A gente vai amadurecendo. Não é preciso se envaidecer se for bom.

**Você se acha bom?**

Eu me acho bom. Eu tento sempre melhorar. Acho que isso é uma boa qualidade. Eu quero sempre melhorar o que fiz ontem. Eu me acho um bom arquiteto. Não acho que sou um arquiteto de sucesso, mas acho que sou um bom arquiteto.

**Você sonhou com esse reconhecimento profissional, com essa ascensão?**

Eu sempre quis. O meu objetivo de vida sempre foi representar bem a arquitetura brasileira fora do Brasil. Se esse é o meu objetivo, eu tenho que traçar um caminho para chegar nesse ponto. Eu tenho de ter uma base sólida que me possibilite chegar aonde eu quero.

**E aonde você quer chegar?**

Onde eu possa realizar grandes projetos.

**Porque alcançar esse reconhecimento fora do Brasil é tão importante?**

Porque no Brasil ainda não é dada à arquitetura a importância que ela merece ter. Porque os recursos são limitados, não se fazem grandes obras, obras representativas, no que diz respeito aos principais projetos do mundo.